



RESENHA CRÍTICA DA OBRA HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL DE CAIO PRADO JÚNIOR & VIDA E OBRA DO AUTOR

DOI: 10.5281/zenodo.14394823

Nicholas Maciel Merlone¹

A obra em pauta, *História Econômica do Brasil*, trata-se de um marco paradigmático no contexto histórico brasileiro. Seu autor, Caio Prado Júnior, desde jovem expressou sua vontade pelo conhecimento e compreensão profunda do Brasil. Nasceu em 11 de fevereiro de 1907, filho de duas ricas, nobres e influentes famílias paulistas, da elite cafeeira e com linhagem política. Tal característica familiar é relevante não somente por curiosidade de vida, mas para frisar a tradição política, econômica e social que Prado Júnior herdou. O autor conviveu com escritores, políticos e artistas, que frequentavam a casa de seus pais, em uma esfera intelectual sofisticada, cercado por pessoas dos setores mais abastados e influentes do Brasil. Sua família se evidenciaria como propulsora do desenvolvimento econômico de São Paulo, principalmente, no tocante à produção cafeeira. Com relação à educação dos filhos, o garoto Prado Júnior foi instruído por preceptoras e governantas alemãs. Assim, o jovem Prado Júnior fez o curso primário no próprio lar, com tutores particulares. Durante sua juventude, praticou vários esportes, tais como futebol, natação, equitação e ciclismo, frequentando os clubes Tietê e Atlético Paulistano. Após cursar o secundário no Colégio São Luís, instituição dirigida por padres jesuítas, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, isto é, pela Universidade de São Paulo (USP), aos 21 anos de idade, em 1928. No mesmo ano, trabalha no escritório de advocacia de Abraão Ribeiro e dá início a sua atuação política. Na Faculdade, teve contato com os debates realizados na esfera

¹Mackenzie



REVISTA OWL (OWL Journal)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

acadêmica: os problemas do nosso país (em menor grau, os assuntos internacionais). Em 1956, com a tese *Diretrizes para uma política econômica brasileira*, participou do concurso para a cátedra de economia política da Faculdade de Direito. Neste acontecimento, não venceu a disputa pela cadeira, porém obteve o título de livre-docente². Além disso, publicou ao longo de sua vida diversas obras de grande relevo e importância. Em 1933, publicou sua primeira obra, *Evolução Política do Brasil*, o primeiro estudo da História do Brasil a usar o materialismo histórico de modo consistente, sendo um paradigma na interpretação marxista da história brasileira, sendo também uma obra pioneira para aqueles tempos. Dentre outros relevantes trabalhos acadêmicos, podemos mencionar: *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942); *A Revolução Brasileira* (1966), obra com a qual ganhou os prêmios Juca Pato e Intelectual do Ano, concedido pela União Brasileira de Escritores, tratando-se de um exame das direções do Brasil depois o golpe militar de 1964. Esta pesquisa impulsionou a reflexão autocrítica da esquerda brasileira no tocante ao golpe; e *História Econômica do Brasil* (1945), objeto nosso de estudo esta última. Sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, juntamente com *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, integram o conjunto das obras clássicas para o entendimento da historiografia econômica e social do Brasil. Os mais relevantes estudos de Prado Júnior são essenciais para a reflexão social nacional pois procuram entender, através do raciocínio econômico e dialético, a incapacidade do Brasil em sobrepor os obstáculos oriundos no cerne de sua estrutura social, tecendo uma teoria crítica da sociedade.

Apesar de tudo isso, Prado Júnior “foi muito criticado ao longo de sua vida, acusado por alguns de ‘burguês’ ou ‘aristocrata’ (em virtude de sua origem de classe) e por outros de ‘reformista’. Mesmo pela própria família foi por vezes incompreendido e rotulado de ‘radical’

² O evento “virou um acontecimento e atraiu a atenção de estudantes e intelectuais, curiosos em ouvir o historiador revolucionário numa instituição tão tradicional” (cf. **Intérpretes do Brasil...**, p. 202). Além disso, conforme nota de rodapé da mesma obra, da mesma página: “O concurso começou em 11 de junho de 1956 e contou com sete candidatos. O resultado final foi anunciado duas semanas depois. Ver ‘Concurso para provimento da cadeira de Economia Política: despertou grande interesse nos círculos jurídicos a arguição, ontem, do candidato Caio Prado Júnior - os trabalhos hoje’, *O Estado de S. Paulo*, 14 jun. 1956, p. 11; “Concurso na Faculdade de Direito: iniciadas as provas públicas para provimento da cadeira de Economia Política”, *O Estado de S. Paulo*, 12 jun. 1956, p. 12; ‘O resultado do concurso na Faculdade de Direito’, *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 1956, p. 12”.



e ‘rebelde’. Já comunistas mais ortodoxos chegaram a dizer que ele não seria ‘marxista’, mas, na prática, um eclético”. (cf. Pericás. **Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política**, 2016, p. 277).

O autor também se dedicou à vida política, como dito, se aprofundando na leitura de obras marxistas, com forte atuação política, esforçando-se para criar interpretações originais na realidade brasileira. Em diversas ocasiões, ressentiu-se muito com o PCB (Partido Comunista do Brasil), relegado a segundo plano no partido, embora tenha contribuído para a organização de várias formas. Como exemplo, investiu em publicações partidárias, organizou festas para angariar fundos para a agremiação e, ainda, quando jovem, manteve uma gráfica clandestina com seus próprios recursos. Com efeito, tinha um pensamento crítico, original, não raras vezes, discordante da posição do PCB, sem receio de expor suas ideias. Foi militante ativo, inclusive sido preso por se opor ao governo de Getúlio Vargas. Quanto a isso, vale dizer que, apesar das terríveis condições da cadeia, Caio Prado Júnior buscava estudar, ler e escrever, com boa convivência com os outros presos. Dentro do possível, seguia o que ocorria no país, mesmo com o acesso restrito de jornais, de modo que nos cadernos que a mulher lhe entregava, redigiu seus *Diários políticos*. Na fase em que se encontrava preso, trocava cartas com a esposa, participando da vida da família, e expunha suas preocupações e angústias. Prado Júnior foi solto em 1937, ocasião em que Getúlio Vargas suspendeu o Estado de Sítio e anistiou os presos políticos. Daí Caio Prado Júnior partiu em um navio de carga em direção a um exílio na França. Lá manteve contato com os intelectuais da Europa, frequentando a Biblioteca Nacional e cursos na Sorbonne. Porém, jamais deixou de lado a militância. Combateu a ditadura de Francisco Franco na Espanha, em apoio ao Partido Comunista Francês (PCF). No início de 1939, meses antes do começo da Segunda Grande Guerra, retorna ao Brasil.



Caio Prado Júnior. Foto: Pinterest.

Depois da renúncia de Getúlio, em 1945, o Estado Novo terminou. Após 18 anos na clandestinidade, o PCB (Partido Comunista do Brasil)³ passou a ter seu registro aceito pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), retornando à legalidade. Prado Júnior candidatou-se a deputado constituinte em 1945, sem sucesso. Todavia, em 1947, elegeu-se deputado estadual constituinte. De acordo com Florestan Fernandes, o político foi “um deputado criativo, produtivo e invejável”⁴. Em breve mandato de 10 meses, propôs 31 emendas, das quais 09 foram aprovadas e 04 parcialmente aprovadas. Foi também líder da bancada comunista, dentre outros cargos políticos. Lutou bravamente pela fiscalização do poder público, o regime tributário e o incentivo à pesquisa científica (cf. **Intérpretes do Brasil...**, p. 201).

Todavia, o registro do PCB foi de novo cassado, de modo que ele voltou à prisão por 03 meses, em um Batalhão da Força Pública. Com o regime militar iniciado em 1964, sofreu novamente perseguições devido a seu caráter questionador e combativo. Com razão, “[m]embro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi, por décadas, um intelectual atuante e homem de ação” (veja: **Intérpretes do Brasil...**, p. 193).

3 “O PCB fundado em 1922, era chamado originalmente de Partido Comunista do Brasil, Seção Brasileira da Internacional Comunista. Com o fim do Comintern, manteve o nome Partido Comunista do Brasil. Em 1961, o partido mantém a sigla, mas muda de nome para Partido Comunista Brasileiro. No ano seguinte, um grupo dissidente funda o PCdoB, utilizando o nome original de Partido Comunista do Brasil.” In: Nota de rodapé: Luiz Bernardo Pericás; Maria Célia Wider. Caio Prado Júnior. In: Luiz Bernardo Pericás; Lincoln Ferreira Secco (orgs.). **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. 1a. edição. São Paulo: Boitempo, 2014.

4 Florestan Fernandes, “A visão do amigo”, em Maria Ângela D’Incao (org.), *História e ideal*, cit, p. 31. apud Luiz Bernardo Pericás; Maria Célia Wider. Caio Prado Júnior. In: Luiz Bernardo Pericás; Lincoln Ferreira Secco (orgs.). **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. 1a. edição. São Paulo: Boitempo, 2014.



Em sua trajetória política, importa ressaltar: “Na condição de membro da Assembleia Constituinte Paulista de 1947, foi responsável, junto com Mário Schenberg, pela inclusão do artigo 132 da constituição estadual: ‘O amparo à pesquisa científica será propiciado pelo Estado por intermédio de uma fundação organizada em moldes a serem estabelecidos por lei.’ Ao ser regulamentado em 1962, esse artigo levou à criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).”⁵

Além de bacharel em direito e político, foi também historiador, geógrafo, filósofo e editor e ainda colaborador da imprensa, debatedor e polemista. “Na realidade, para Caio, o marxismo, o engajamento social e partidário e as experiências socialistas *não eram acessórios*, mas elementos essenciais em sua trajetória e visão de mundo; não eram apenas ferramentas para compreender o processo histórico nacional, mas aspectos primordiais de sua vida e de sua luta por mudanças estruturais no país.” (cf. Pericás, **Caio Prado Júnior. Uma Biografia Política**, 2016. p. 24).

Prado Júnior era, de fato, comprometido com as causas sociais, com mudanças estruturais profundas e com o desenvolvimento do país. Assim, o trabalhador brasileiro (rural ou urbano) esteve sempre no centro de suas atenções.

Prado Júnior se envolveu em projetos editoriais e publicações marxistas em diversos países. No Brasil, fundou a Editora Brasiliense, juntamente com o escritor Monteiro Lobato, em 1940. O catálogo da editora contém todas as obras de Caio Prado, que fundou também a *Revista Brasiliense* (1955), em conjunto com o jornalista Elias Chaves Neto. Nessa época, dedicou-se à filosofia⁶, à economia⁷, aos textos de intervenção conjuntural e à questão agrária. A principal razão de ser da revista, de pensamento crítico e nacionalista brasileiro, foi a congregação de escritores e estudiosos de temas nacionais, com a meta de analisar e debater

⁵ Notemos como exemplo: *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*.

⁶ Cartão de Prado Júnior a Roberto Prado, Moscou, URSS, 27 jul. 1960. em acervo de Prado Júnior no IEB-USP, código de referência CPJ-RNP120. (grifo dos autores). apud *Intérpretes do Brasil...*, p. 211.

⁷ IPEA - Desafios do Desenvolvimento. A revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Perfil - Caio Prado Júnior. 2010. Ano 7. Edição 59 - 29/03/2010. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2319:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 23 out / 2022.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

ossos problemas econômicos, sociais e políticos. Prado Júnior redigiu a maior parte dos 52 números da revista. Examinava a conjuntura política nacional e internacional, o capital alienígena em nosso país, a política econômica, o nacionalismo e a questão agrária, além de criticar severamente os governos de JK, Jânio Quadros e João Goulart, bem como o apoio do PCB a JK e Jango. Além disso, a revista trazia debates do movimento estudantil, da crise universitária, do socialismo e do comunismo, sem deixar de lado assuntos como literatura, pintura, arquitetura, teatro e cinema. Com o regime militar de 1964, a última edição da RB foi confiscada pela polícia e destruída. Caio Prado Júnior tornou-se detido novamente.

Nota-se, portanto, o viés, a inclinação marxista do estudioso, tendo, inclusive, certa época de sua vida, viajado à Rússia, ou melhor, à ex-URSS, para ter contato com a realidade marxista. O autor também viajou à China, a Cuba e à Alemanha Oriental, dentre outros países alinhados à União Soviética. Na URSS, em um cartão-postal datado de 30 de julho de 1960, ao filho Roberto, ele registra: “Quanto mais se vive mais se aprende, sobretudo viajando. Estou aprendendo muita coisa, e sobretudo que *realmente o regime político e social deste país é o futuro de toda a humanidade*”⁸.

Prado Júnior foi amigo de vários intelectuais importantes na esfera do marxismo. Nos países socialistas para os quais viajou, “leu, observou, travou amizade com acadêmicos, literatos e políticos, deu conferências e participou das gestas de seu partido em diferentes graus de atuação.” (cf. Pericás. **Caio Prado Júnior. Uma Biografia Política**, 2016, p. 25)

Nesta época, “publicou *URSS - um novo mundo* (1934), edição apreendida pela censura do governo de Getúlio Vargas, que passaria a combater. Ingressou na Aliança Nacional Libertadora, a qual presidiu em São Paulo.”⁹

⁸ REIS, José Carlos. Mudança e continuidade na historiografia brasileira. Mariana: Setor de Teoria e Metodologia da História. Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, 1997. apud Caio Prado Júnior. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.

⁹ “Seguindo o raciocínio, Caio Prado Júnior faz alusão de que não se pode interpretar a realidade brasileira e nem seu futuro a partir de situações que não se comparam com a nossa. A partir dessa forma otimizada com que o autor trabalhará a interpretação brasileira é que ele tratará do sentido história brasileira que de forma dialeticamente e com transição dinâmica leva de um passado para um futuro. Segundo sua teoria, se o Brasil tivesse um caráter feudal, a luta social seria dada a partir da reivindicação da propriedade da terra, o que para ele



Acerca da obra acima, esta não era mero relato de viagem, mas uma descrição “do sistema político e econômico soviético, suas formas de funcionamento e a relação entre a base popular e a superestrutura técnica e burocrática da direção governamental. [Trata-se de:] uma abordagem e análise do caso soviético”. (cf. Pericás. **Caio Prado Júnior. Uma Biografia Política**, 2016, p. 26)

“Em 1960, juntamente com outros intelectuais brasileiros, participa da criação da União Cultural Brasil-União Soviética, atual União Cultural pela Amizade dos Povos, sendo o seu primeiro presidente.”¹⁰

“Em 1934, ano de implantação da Universidade de São Paulo (USP), juntamente com os professores Pierre Deffontaines, Luís Flores de Moraes Rego e Rubens Borba de Moraes, Caio Prado Júnior participou da fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, primeira entidade científica de caráter nacional.”¹¹

Dessa forma, “[a]s suas obras inauguraram, no país, uma tradição historiográfica identificada com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial brasileira.”¹²

era um erro teórico, histórico e político, pois os operários do campo reivindicavam as leis trabalhistas. Reis, de maneira geral resume a dialética do sentido da colonização: "Abordada assim, a realidade brasileira atual revelaria uma transição de um passado colonial a um futuro, já próximo, de uma nação estruturada, com uma organização econômica voltada para o interior, moderna. [...] Eis o sentido da história brasileira, que uma teoria especialmente elaborada para abordá-la em sua especificidade revela: da heterogeneidade inicial, da dispersão original, a uma homogeneidade nacional estruturada. Economicamente o mercado interno deverá superar o externo, o que estimulará a diversificação da produção. Este é o caminho da sociedade brasileira: da sociedade colonial ao Brasil-nação. Realizar esta transição radical é realizar a verdadeira revolução brasileira, que aliás já está em marcha há muito tempo."

Contudo as obras revelam o caráter economicista em sua estrutura onde a prioridade da infraestrutura é utilizada como instância determinante para sua análise. Todas as suas grandes obras são de síntese e de certa forma dizem respeito sobre o sentido da história brasileira contendo características de origem e identidade do brasileiro. Hanna, ainda conclui que são textos políticos pois são escritos para surtir um efeito para o presente. "[...] na análise político social brasileira, o objetivo é o mesmo [entre ele e Oliveira Vianna]: modernizar o Brasil torná-lo uma nação de fato". *In*: Caio Prado Júnior. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.

10 Veja: Caio Prado Júnior. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.

11 Veja: Caio Prado Júnior. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.

12 MUNTEAL FILHO, Oswaldo; FREITAS, Jacqueline Ventapane. **Enciclopédia Latino Americana**. Prado Júnior, Caio. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/prado-junior-caio>>. Acesso em: 23 out /



Assim, sua obra é fortemente influenciada por esta visão, por este método analítico-reflexivo. Desse modo, a colonização das terras brasileiras se configurava para atender as necessidades do mercado externo, produzindo e extraindo o máximo de riquezas, que exploradas, deveriam ser enviadas para a metrópole. Nesse sentido, “o maior motivo de sua inquietação continua a nos atormentar: se o Brasil se constituiu como colônia para produzir bens demandados pelo mercado externo, em completa desconsideração por aqueles que os produzem, esse ainda é o principal problema que enfrentamos hoje.” (cf. Luiz Bernardo Pericás. **Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política**, 2016).

Nesses rumos, pode-se dizer: "Todos os acontecimentos dessa era dos descobrimentos articulam-se num conjunto que só é um capítulo da história do comércio europeu. A colonização do Brasil é um capítulo dessa história."^{13 e 14}

O historiador Prado Júnior é inseparável do Prado Júnior ativista político. De fato, como marxista, procurou aliar teoria e prática, como exemplos disso a Editora Brasiliense e a Revista Brasiliense, iniciativas práticas fundamentadas na teoria, e, acima de tudo, suas obras e seus trabalhos direcionados para a prática política. “Neles soube, como ainda é incomum, usar o marxismo como método para interpretar as vicissitudes de uma formação social particular, a brasileira.” (Bernardo Ricupero *In*: Luiz Bernardo Pericás. **Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política**, 2016).

Nesses rumos...

Em carta a Ernest Feder, diria:

2022.

13 Veja: Caio Prado Júnior. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.

14 Vejamos suas obras: *Dialética do conhecimento* (1952) e *Notas introdutórias à lógica dialética* (1959).



“[...] Numa palavra, esforço-me por unir a teoria à prática. [...] Trata-se em suma de ligar pensamento e ação, teoria e prática, pois julgo que tanto a prática que não se acha fundada na teoria (que é *consciência da ação*) é empírica e via de regra inconsequente e insegura; como a teoria que não se inspira na experiência política é infecunda.” (veja: Pericás. **Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política**, 2016, p. 287).

História Econômica do Brasil

“Em 1945, publicou *História Econômica do Brasil*, em que trata dos problemas da industrialização, do imperialismo, da vida econômica e financeira, insuficientemente analisados até então.”¹⁵

História Econômica do Brasil (1945) abrange o período que se estende desde os tempos coloniais, passando pelo Império e pela República, até os anos 1970, este último período em atualização posterior da obra pelo autor.

“Para ele, o capitalismo mercantil, a estrutura agrária e o imperialismo continuavam sendo obstáculos ao desenvolvimento nacional.” (veja. **Intérpretes do Brasil...**, p. 200).

A grande sacada de Prado Júnior foi que o modelo colonial brasileiro se enquadrava numa moldura pré-capitalista, partindo do começo da colonização até o término da Segunda Grande Guerra. Depois deste confronto de proporções globais, nossas terras brasileiras se debruçaram de corpo e alma nos moldes capitalistas.

15 MUNTEAL FILHO, Oswaldo; FREITAS, Jacqueline Ventapane. **Enciclopédia Latino Americana**. Prado Júnior, Caio. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/prado-junior-caio>>. Acesso em: 23 out / 2022.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Nestes ventos...

“Do materialismo histórico fora de lugar resultava uma interpretação equivocada, que considerava o Brasil colonial um país feudalista em transição para o capitalismo. Na avaliação de Caio Prado, esta visão estava errada porque não percebia que o Brasil, desde sua descoberta, estava sob a lógica econômica do capitalismo mercantil: exploração comercial tendo em vista o lucro do capital.”¹⁶

Desse modo...

“Em *Formação do Brasil contemporâneo*, publicado em 1942, Caio Prado sustenta que a compreensão da história brasileira se faz ao se desvelar o seu sentido, que se definiria na formação colonial.”¹⁷

O primeiro espaço temporal eleito pelo autor, para tecer considerações, foi o período entre 1500 e 1530, quando da chegada dos portugueses ao território brasileiro. Desse modo, descreve os aspectos geográficos, como exemplo, refletindo sobre os obstáculos e as facilidades determinadas pela geografia para a ocupação do homem colonizador. Com efeito, tratava-se uma costa marítima perturbada, que dificultava o trânsito marítimo e o desembarque. Por outro lado, trata também de outra região próxima do território brasileiro, a Cordilheira dos Andes, que dificultava a invasão dos espanhóis em nossas terras.

Depois de discorrer sobre os aspectos geográficos da colônia, aborda as causas e motivações da colonização.

16 Veja: Caio Prado Júnior. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.

17 Veja: Caio Prado Júnior. **Wikipédia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.



Devido à mudança de rota do comércio da Europa, se inicia uma expansão marítima europeia rumo ao Oceano Atlântico. Isto na procura de uma rota alternativa em direção às Índias Orientais, por causa das especiarias, realmente, valorizadas nas transações comerciais. Somente depois, após firmadas várias feitorias na costa da África Ocidental, os portugueses encontram nosso país, lugarejo que se colocava no trajeto para o Oriente através do Ocidente. Com isso, a América é vista como uma barreira, a priori.

De início, não havia interesses em colonizar o Brasil, uma vez que não se encontraram metais preciosos, o que somente ocorreu posteriormente. Porém, percebeu-se a abundância de pau-brasil, árvore litorânea da qual se extraía tinta vermelha para tingimento de tecidos. Para a extração dessa matéria-prima, recorreu-se à mão de obra indígena. Sua decadência está relacionada ao esgotamento das reservas naturais. Todavia, Caio Prado Júnior não atenta para este recurso econômico, considerando-o não relevante.

Por esses motivos, fala-se em um período pré-colonial, não ocorrendo uma legítima ocupação, o que só acontecerá com a agricultura no território. Neste ponto, importa diferenciarmos a colonização norte-americana da sul-americana. No norte, os colonos eram europeus ingleses que fugiam de perseguições religiosas, com o objetivo de construir laços com a terra. No sul, por outro lado, a meta era extrair o máximo de riquezas da colônia e transferi-las para a metrópole. Os interesses dos colonizadores, no sul, são de fato somente comerciais.

Prado Júnior, então, passa a tratar dos elementos da ocupação do território, partindo do litoral (terras férteis). O interior permanece sem interesse por parte dos lusos. Nossa economia se volta, assim, para os engenhos de açúcar (matéria-prima muito procurada no Velho Continente). Torna-se, então, o Brasil uma economia agroexportadora de açúcar para a Europa, haja vista a prévia experiência bem sucedida que obteve em Cabo Verde, em cooperação com os holandeses. Com isso, aparecem as primeiras oligarquias do Brasil. Além disso, a mão-de-obra indígena foi inicialmente utilizada, devido aos riscos e custos da



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

importação de escravos negros via navios. O recurso à mão-de-obra escrava africana passou a ser usado nos locais em que a produção de cana se evidenciava mais lucrativa, valendo a pena o emprego de valores. O declínio das plantações de açúcar pátrias emerge de fatores externos, principalmente, vem da concorrência da Antilhas, onde os holandeses começaram uma lucrativa produção, pondo fim ao monopólio português do açúcar e causando uma enorme baixa nos preços do produto.

Apesar do declínio econômico, no século 18, Portugal descobriu ouro nas regiões das minas gerais, no Brasil. Assim, voltou toda a sua atenção para o interior do país, valendo a pena manter esforços para dominar nossas terras tupiniquins. Ocorre, pois, um grande fluxo de homens e produtos partindo de várias áreas do território nacional, rumo à região aurífera. Ocorre, também, a transposição da mão-de-obra dos engenhos de açúcar para as minas de ouro. O eixo da economia da colônia muda do nordeste para o local das jazidas. Os escravos saíam dos engenhos e iam para as minas. Diante desse cenário econômico, surgiu um mercado subsidiário ao seu redor: a agricultura e a pecuária. Tais atividades visavam ao suprimento das necessidades básicas regionais. A riqueza mineral era extraída com vigor, sendo enviada para a metrópole, e também para a Inglaterra, já que este reino sobrepunha-se sobre os lusitanos. Finalmente, o término da extração de ouro se deu pelo esgotamento das jazidas, sendo a reduzida técnica e a falta de atenção específica as causas maiores para o término da exploração.

O novo cenário internacional causado pelo pacto colonial, conduziu ao ressurgimento agrícola do país. O Brasil colônia permaneceu no dever de oferecer matérias-primas tropicais à metrópole por valores baratos. Paralelo a isso, toda a produção industrial consumida na colônia tinha de ser somente comprada da metrópole. Previamente, a economia colonial era baseada no açúcar. Mas com a baixa dos valores do açúcar no mercado externo, a colônia procurou outros caminhos de produção. Iniciou-se, assim, o plantio de algodão. Com isso, objetivava-se o mercado da Europa, essencialmente, a produção industrial da Inglaterra.



Enquanto isso, a manufatura suplementar à agricultura permaneceu bem obsoleta. Prado Júnior reflete, igualmente, acerca da incorporação do Rio Grande do Sul ao nosso país. Essa relevante região de proteção da fronteira exerceu função essencial com a pecuária para o centro da colônia. Surgiu, assim, uma elite da pecuária no sul. A economia do sul foi, principalmente, de suprimento do mercado doméstico da colônia.

O capital mercantil prevalecia até o século 17. O capital industrial, apenas no século 18, será imposto. Ocorre, assim, uma rebelião contra os monopólios e, também, a ruptura do pacto colonial. Com isso, os impérios luso e espanhol declinaram. As consequências de tais transformações favoreceram o desenvolvimento econômico do Brasil. Finalmente, o novo cenário global remete a Inglaterra para o posto econômico mais elevado do mundo.

As consequências da liberdade comercial ocasionada pelos incentivos financeiros conduz à mudança da nobreza de Portugal para nossas terras brasileiras. A economia de nosso país se desenvolveu muito com a abertura dos portos. Todavia, a monarquia lusitana aumenta as despesas do Brasil. Com a chegada da coroa portuguesa, ocorreu uma significativa transformação na cultura colonial, gerando mudanças emblemáticas da elite brasileira. Como exemplo, Laurentino Gomes, em sua obra “1808”, narra que as mulheres da nobreza portuguesa, nos navios, adquiriram piolhos, tendo assim de raspar os cabelos. Ao chegarem em portos brasileiros, e serem vistas pelas mulheres brasileiras da elite local, estas também raspavam os cabelos, crendo ser a última moda em Portugal. Essas mudanças conduziram ao aumento dos preços de importação de produtos sofisticados. Desse modo, nosso país conviveu com permanente déficit de orçamento, ocasionando a crise do regime e o término do tráfico. Na realidade, com a chegada do capital industrial é preciso uma transformação das estruturas econômicas da colônia. É necessário, portanto, incentivar o comércio doméstico que somente poderia se firmar com o aparecimento de trabalhadores livres, não existindo espaço, assim, para a escravidão.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

A mocidade da burguesia em nossas terras se deu da segunda metade do século 19 até o término do Império, em 15 de novembro de 1889, com a proclamação da República Velha. A disruptiva mudança ocorre na revolução da repartição das atividades de produção. O ressurgimento da agricultura foi incentivado pela abertura dos portos, principalmente. A crise açucareira ocasionou o declínio da potência política do norte e do nordeste. A região sudeste foi beneficiada com o plantio do café, produto muito procurado em terras europeias. Depois dos senhores de engenho e da elite mineradora, emergem os barões do café. O novo mercado requer a abolição da escravidão e mão-de-obra proveniente da imigração europeia. A Terra da Garoa, terras paulistas, assume papel de destaque no cenário econômico brasileiro. Nosso Brasil ingressa em proeminentes ventos, prósperos e ativos economicamente. Essa nova classe social, por sua vez, reinvestiu capitais, essencialmente, na indústria nascente, verde e amarela.

Prado Júnior, partindo da República, estuda a expansão das forças produtivas, bem como o progresso brasileiro. A questão da mão-de-obra se solucionou com o término da escravidão e também com o emprego da força de trabalho dos imigrantes europeus. Contudo, esta transformação laboral prejudicou os latifúndios, com destaque no nordeste e no norte. Este período conduz o Brasil a uma grave crise econômica. Tal modificação beneficia o plantio de café e cacau, além da prosperidade das pequenas propriedades. Importa frisarmos que os valores arrecadados com as lavouras de café foram empregados na nascente indústria, essencialmente, em terras paulistas.

Vale ressaltar que nem tudo foram flores. A indústria paulista teve pedras em seu caminho, como a falta de energia e siderurgia, além de falta também de um mercado consumidor interno. Sem este último a produção em larga escala fica prejudicada.

De outro prisma, houve benefícios, como o estímulo a se produzir matérias-primas, além do custo reduzido da abundante mão-de-obra disponível, apesar de a indústria enfrentar



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

problemas de infra-estrutura, como dito. Não custa mencionar, igualmente, que a Primeira Grande Guerra impulsionou a indústria e também a economia brasileira.

O autor arremata a pesquisa com o tempo de crise, em que o nosso país combate a crise ocasionada com o término da Primeira Grande Guerra e do término do Imperialismo. Como exemplos, problemas para a importação de combustíveis, crise da cafeicultura, obstáculos com o trânsito marítimo, além da crise do plantio de cacau. Dessa forma, emerge a urgência de mudanças nas estruturas de produção, a necessária expansão do mercado doméstico, bem como o progresso da tecnologia, em terras brasileiras.

A perspectiva global sofreu enormes impactos com a Segunda Grande Guerra. A indústria brasileira passa a não só suprir o mercado doméstico, como também o internacional, essencialmente, com a produção de tecidos. Todavia, a balança econômica brasileira equilibrada é fruto de circunstâncias, de modo que com o término da Grande Guerra a crise retorna. O equilíbrio econômico brasileiro torna-se deficitário logo após o período bélico. Busca-se, assim, o controle das importações. Contudo, o cenário somente evolui com a produção cafeeira.

O trâmite de mudança é acelerado pela reestruturação, de modo que a reforma das estruturas realizada, necessária pela economia nacional, coloca o Brasil de fato nos moldes capitalistas.

As velhas estruturas da colônia foram rompidas com o surgimento do capitalismo, já que o capital industrial não funciona como o capital mercantil. Assim, foi preciso diversas mudanças nas bases estruturais da economia brasileira.



Antes de tudo, as transformações partiram da mudança das forças de trabalho, com o surgimento de uma nova classe social, o proletariado, fruto do término da escravidão e do ingresso em terras brasileiras de europeus.

Depois, evidencia-se a necessária existência de mercados consumidores, o que se solucionou com o fim dos monopólios e com a restrição das importações.

Tais mudanças impactaram efetivamente as velhas classes sociais, principalmente, os senhores de engenho, que se tornaram detratores do incipiente modelo econômico.

Conclusão

A obra em pauta, *História Econômica do Brasil*, de Prado Júnior, trata-se, indubitavelmente, de um clássico estudo que precisa ser examinado, não só nas grades de História, como também em outros cursos das ciências humanas e, por que não, também em áreas das exatas e biológicas, de modo a contribuir para a formação humana e crítica dos brasileiros. Mesmo tendo sido elaborada nos anos de 1950, tendo sido atualizada em 1970, a obra permanece atual e oferece os instrumentos para um exame profundo da história econômica brasileira. *História Econômica do Brasil* não se trata de um estudo obrigatório restrito a marxistas. É preciso, para alguns, vencer o preconceito quanto a análises marxistas, de modo que interessa a todos explorar as bases estruturais da economia brasileira, essencialmente, aqueles que almejam uma nação brasileira com justiça social efetiva.

“Houve até quem o incluísse entre os mais importantes ‘sociólogos’ do país. Outros o consideravam um ‘economista’. O romancista Érico Veríssimo o chamou de ‘um apóstolo do materialismo histórico’, e o comunista pernambucano Paulo Cavalcanti, de ‘o desbravador dos estudos sociais brasileiros’. Antônio Osvaldo Ferraz, por sua vez, designou-o como ‘um dos maiores líderes culturais do Brasil contemporâneo’, enquanto Hélio Jaguaribe o retratou



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

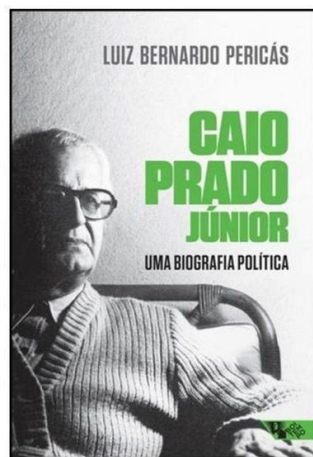
como o ‘único teórico marxista do Partido Comunista Brasileiro’. E Sérgio Buarque de Holanda o descreveu como ‘o maior historiador brasileiro vivo’. Já ele próprio se definiu certa vez apenas como um ‘escritor e homem público’”. (cf. Pericás. **Caio Prado Júnior. Uma Biografia Política**, 2016, p. 26)

“Desde que se tornou marxista, Caio Prado Júnior manteve sempre uma postura crítica e independente em relação a teorias e práticas ‘oficiais’. Por outro lado, defendeu, desde a década de 1930 até o final de sua vida, a luta pela ‘revolução brasileira’ (que levaria, em última instância, ao socialismo), ainda que, certamente, apontasse para as sutilezas e especificidades de seu caráter em situações e contextos particulares. E isso é importante quando se quer discutir de forma mais detalhada os diferentes aspectos de seu pensamento.” (cf. Pericás. **Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política**, 2016, p. 288).

Prado Júnior faleceu em 1990, em São Paulo, aos 83 anos de idade. Viveu intensamente uma vida longa de lutas políticas e intelectuais pelo socialismo e pelo desenvolvimento cultural e econômico pleno do Brasil (veja: **Intérpretes do Brasil...**, p. 214). Sofreu perseguições e foi preso diversas vezes, mas sempre manteve um espírito combativo em prol dos direitos dos mais necessitados e em busca de um país melhor e mais justo. Deixou, por fim, “um legado decisivo para a historiografia e o pensamento social brasileiro e latino-americano.” (cf. Enciclopédia Latino Americana).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS





REVISTA OWL (OWL Journal)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



IPEA - Desafios do Desenvolvimento. A revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Perfil - Caio Prado Júnior. 2010 . Ano 7 . Edição 59 - 29/03/2010. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2319:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 23 out / 2022.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo; FREITAS, Jacqueline Ventapane. **Enciclopédia Latino Americana.** Prado Júnior, Caio. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/p/prado-junior-caio>>. Acesso em: 23 out / 2022.

WIKIPÉDIA. Caio Prado Júnior. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caio_Prado_J%C3%BAnior>. Acesso em: 23 out / 2022.

WOLF, Ismael; FABER, Marcos Emílio Ekman. **RESENHA DE HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL DE CAIO PRADO JUNIOR.** Disponível em: <<http://www.historialivre.com/brasil/caiopradojr.htm>>. Acesso em: 24 out / 2022.

Recebido em: 30/010/2024

Aprovado em: 19/11/2024

Publicado em: 11/12/2024